

A PROMOÇÃO DA SAÚDE ATRAVÉS DAS COMUNIDADES DE TERREIRO: ENTREVISTA COM MÃE BAIANA DO ILÊ AXÉ OYA BAGAN DF¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v6i2.46438>

Em diversos momentos dessa pandemia que se estende - ora se amenizando, ora voltando a preocupar - a microbióloga Natalia Pasternak fez várias menções ao problema da cloroquina ter sido considerada erroneamente um remédio eficaz contra o vírus pandêmico. Com toda razão ela combateu, em sua apresentação na CPI da Pandemia, essa recomendação pseudocientífica que mesmo alguns médicos chegaram a receitar, por vezes sob imposição da instituição em que trabalhavam, inclusive no Sistema Único de Saúde, o SUS.

Infelizmente essa reprovação tão necessária, e prova da lisura dessa cientista, terminou transbordando em ceticismo com relação às práticas tradicionais e alternativas de promoção da saúde, oriundas do nicho de saberes terapêuticos tradicionais e suas reinterpretações, que o próprio SUS já incorporou através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), uma conquista inclusiva diante do complexo mundo da medicina convencional e da indústria farmacêutica.

As práticas integrativas e complementares estão compostas por diversos tipos de terapias, algumas tradicionais de outros povos, como Medicina Tradicional Chinesa; Ayurveda, Yoga e Shantala hindus; Reiki criado no Japão através de sua cosmopercepção cultural. Outras são produto de diversos saberes tradicionais reunidos num sistema com algumas modificações em algum momento da modernidade, como Homeopatia, Antroposofia e Florais. Outras reúnem a promoção da saúde mental com a movimentação corporal como a Biodança. E até mesmo a polêmica Constelação Familiar é contemplada, mais pertencente ao ramo da psicoterapia, mas por vezes distorcida por ideias fora do escopo terapêutico (assim como os serviços de cunho cristão para reabilitação de adictos através de uma conversão forçada).

¹ Texto introdutório à entrevista escrito por Gerlaine Martini, Editora Chefe Adjunta da Revista Calundu.

Há também práticas antiquíssimas de cura como as que utilizam águas termais e que nos remetem aos banhos romanos e turcos e o uso das plantas. Mais importante que tudo, o uso das nossas plantas está nitidamente ligado às próprias práticas tradicionais brasileiras, mantidas e preservadas por povos indígenas e africanos. Dentro desse nicho que podemos de modo informal chamar de “xamânico”, a imposição de mãos também está presente e também é reconhecida como prática integrativa. Ela está em diversas práticas afroameríndias ditas religiosas, como na umbanda e em pajelança. Nossas ervas também são usadas em fumaças e banhos terapêuticos, fora as garrafadas, infusões, e aplicação direta das rezadeiras e benzedeadas.

Tão importante é o uso das nossas plantas (e também as não nativas que aqui se adaptaram) que o SUS formulou o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovado em 2008, e dispõe o serviço das Farmácias Vivas, ofertando fitoterápicos aos usuários do SUS através das unidades básicas de saúde, as plantas podendo ser cultivadas localmente, às vezes acessadas in natura.

Sim, tudo isso tem relação com a atuação de comunidades tradicionais como agentes de saúde. Os saberes sobre as ervas são saberes dos povos de comunidades tradicionais, de aldeias indígenas e de terreiros, e daquelas que manejam seu ambiente e trabalham com extrativismo. Estes saberes se capilarizaram até o SUS na forma de remédios eficazes e locais. E a atuação das comunidades de terreiro foi imprescindível para que isto acontecesse. Muitas vezes também encontramos quilombolas cultivando para as Farmácias Vivas, além de preservar sementes crioulas e plantas raras. Tudo isso significa autonomia em saúde. E não pode ser relacionado a remédios com indicação errônea, criados dentro da indústria farmacêutica.

As comunidades de terreiro sempre se reafirmaram através de sua resistência como comunidades terapêuticas com um sistema próprio de classificação de ervas e a contribuição do conhecimento indígena através do diálogo. Os terreiros sempre mantiveram hortas e jardins, não importando o estado e qual modelo ritual (nação) a que pertencessem, para realizarem seus rituais, que são ações tradicionais para saúde integral. Assim também com as umbandas, juremas e outras denominações afroameríndias e suas sessões terapêuticas abertas ao público. Foram essas comunidades que traduziram esses saberes para que terminassem incorporados ao SUS.

Esse papel das comunidades de terreiro se traduz atualmente numa rede que passou a atuar oficialmente e pioneiramente no SUS, acompanhando a construção de

políticas participativas de comunidades tradicionais e da população negra no Sistema Único de Saúde, incluindo a política de práticas alternativas complementares e fitoterápicos, mais recente. A RENAFRO (Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde) está ativa desde o início do século XXI e para falar sobre ela convidamos sua representante regional, Mãe Baiana, coordenadora da Renafro Saúde Núcleo Distrito Federal, que também participa do movimento social no combate ao racismo religioso. Através de perguntas semi-estruturadas, solicitamos que Mãe Baiana respondesse de acordo com sua atuação e seu conhecimento. Seguem as perguntas e respostas sobre o tema da RENAFRO e a saúde durante a pandemia da COVID 19:

1. Como se deu a inserção da senhora na RENAFRO?

Foi um convite feito pelo Coordenador Nacional, Pai Marmo, hoje falecido. Ele se encantou pela minha luta.

2. De forma geral, como a senhora descreveria a atuação da RENAFRO?

Eu adoro a Rede. Aprendi muito e trabalho por ela, porque a RENAFRO tem responsabilidade com a Ancestralidade de cada um, por isto trata principalmente da SAÚDE.

3. Onde surgiu a RENAFRO Saúde?

Nasce no Rio de Janeiro

4. Como a RENAFRO Saúde tem participado do Sistema Único de Saúde?

Através do Ministério de Saúde. Hoje estamos sem ação devido à falta de interesse do Governo.

5. É possível que pessoas das comunidades de terreiro possam ter um papel dentro do Sistema Único de Saúde como agentes de saúde? Em caso positivo, como isso vem acontecendo?

É possível sim. O povo de terreiro são os maiores agentes de sua própria população, eles são constantes agentes de saúde. Atua e cuida do seu povo diariamente.

6. Como um terreiro cuida da saúde de modo tradicional?

Cuidamos com a cultura do acolhimento, a cultura das rezas, a cultura dos chás tradicionais, enquanto nada faz o governo pelo povo.

7. O que o terreiro pode oferecer no cuidado à saúde mental?

Acolhimento, reza, cuidados espirituais que os Terreiros trazem de muito longe, desde a chegada da Matriz Africana no Brasil.

8. O que mudou na rotina dos terreiros nesses tempos de pandemia?

Tivemos que fechar as casas, mas com assistência espiritual à distância obedecendo os cuidados da OMS.

9. Durante essa pandemia, como a maioria dos terreiros do Centro Oeste se comportou?

Todos fechados e fazendo os atendimentos espirituais à distância.

10. As comunidades de terreiro auxiliaram de alguma forma na questão da vacinação contra a Covid-19?

Incentivando e orientando a todos, conforme orientações científicas postas a todo tempo nos meios de comunicação.

11. Diante das mortes de muitas pessoas mais velhas, a senhora acredita que os terreiros foram afetados de forma específica com relação a isso?

Sim perdemos muitos dos nossos mais velhos.

12. Como a pandemia afetou os ritos dos terreiros?

Uma pena, tivemos que fechar nossos Terreiros. Até a segunda ordem, deixamos de fazer e criar várias coisas, como Políticas Públicas voltada para a Saúde da População Negras.

13. As comunidades de terreiros podem colaborar com as práticas integrativas e complementares no SUS? Se sim, de quais formas?

Sim interagindo nos conselhos de Medicina Nacional e Regional, agindo nos hospitais, em núcleos, fazendo seus benzimentos a exemplo do posto de Saúde em Brasília que tem Todas de Benzedeiros o dia todo e a população passa primeiro neste acolhimento e dá muito certo.